



## NOTAS PORTUGUESAS

# “Alfama”, um belo documentário



O acaso dum feliz encontro permitiu-nos ver, antes de exibido em público, o novo documentário *Alfama*, cuja apresentação se não fará esperar. A nossa curiosidade e o nosso prazer foram subindo de ponto á medida que iam correndo na tela as duas partes da interessante e valiosa fita, sem dúvida um notável trabalho sob todos os aspectos. Não podiam ser nem mais sinceras nem mais entusiásticas as felicitações que dirigimos ao jovem cinegrafista de talento que *Alfama* nos revelou e ao distintissimo operador por quem êle foi coadjuvado.

Com efeito, João de Sá, o realizador, que, à margem dos seus estudos universitários, se interessa pelas coisas do espírito e da arte, ao encarar a importância da cinematografia e ao dispôr-se a cultivá-la, entendeu fazer a sua iniciação com o documentário do bairro mais vetusto e mais típico da urbe: a multi-secular Alfama, que o camartelo iconoclasta ainda não arrasou totalmente e á qual tantas tradições lendárias, históricas e poéticas, estão presas. João de Sá documentou-se, lendo, examinando, escolhendo e fixando com um afinado senso cinegráfico as imagens a recolher mediante o aparelho de filmar.

Por seu turno, Artur Costa de Macedo, cujas inimitáveis qualidades profissionais se depuram e apuram de dia para dia, atingiu o virtuosismo na interpretação fotográfica do pensamento estético e erudito de João de Sá.

O olho inteligente, aquilino, perscrutador e sagaz da objectiva tudo esquadrinha, ao perto e ao longe. Conduz-nos a todos os recantos e tudo nos patenteia, visto do alto, no sentido da profundidade; visto de baixo, no sentido da altura. Perspectivas falseadas, movimentos pano:âmicos, pormenores sintéticos e simbólicos, trechos da vida real cotidiana, o formigueiro e a labuta da gente, os aglomerados da casaria pitoresca, e calejas e vielas, e becos e travessas, vestígios das construções remotas, sombras de palácios e vultos de templos, minúcias evocativas, tudo vai desdobrando à nossa interessada vista o sabedor e amável cicerone, depois de apresentar na tela as plantas topográficas, antigas e modernas, do bairro que foi o coração da cidade...

A pobreza e a humildade do povo nunca envolvem a ideia de imundície nauseante, verificada em conde-

náveis pseudo-documentários. Topamos com a matutina vassoura municipal, passando rápida; com as abluções sumárias em plena ruela; vamos ao lavadouro onde se branqueia a roupa e vemo-la depois a secar, estendida em cordas, como bandeiras, e flâmulas, e colgaduras, das janelas mais alcandoradas, num tal prodígio de disposição e numa profusão tamanha que todo o bairro se diria em festa e que a suspeita do desprezo pela hygiene chega a dissipar-se...

São graciosos os quadros do rapazio, com seus jogos e suas escaramuças; da vendedeira de peixe e dos gatos que a cortejam, do cabaz das compras que desce do cucuruto do prédio á porta da tenda, para, repleto, se içar por uma corda.

A nota de arte mais recente dá-no-la o miradouro de Santa Luzia, fotografado em múltiplos e belos ângulos, e que hoje é um dos pontos de vista mais deslumbrantes de Lisboa. Lá se ergue o busto do luzitanissimo poeta e cronista glorioso do velho burgo olisiponense que foi o visconde Julio de Castilho. Aproveitou João de Sá carinhosamente a oportunidade para prestar a homem tam insigne, um dos maiores beneméritos da cidade, a homenagem a que tinha jus neste precioso documentário. Reproduz-se na tela, em grande plano, o frontespicio dessa obra monumental e admirável que se intitula *Lisboa Antiga*, preito que comove tanto mais quanto é certo que, relanceando o olhar maravilhado pelo vasto panorama que se abarca do formoso terreiro, nos acodem á lembrança aqueles versos do poeta das *Manuelinas* cuja figura o mármore e o bronze ali consagram:

Desde o alto, acastelada  
Vem descendo até ao mar  
Entre os muros conglobada,  
Co'os corucheus a apontar.

.....  
.....  
Os nobres de maior fama  
Seus paços foram poer  
Por toda a vizinhança Alfama,  
Linda que não há mais ver,  
Como o estrangeiro proclama!

E recordamo-nos ainda das coloridas e vibrantes estâncias de *O Escolar*, em que o poeta descrevia

os estudantes de há seculos, revoltados contra o arcebispo :

Trema Alfama ! Sou estudante  
Sem estudar lho provarel...  
.....  
Trema Alfama e as mães e os pais !  
Nós somos a mocidade !  
Nós somos a poesia !  
Nós somos a liberdade !  
Somos as agulhas reais  
Desta galola sombria  
Chamada Escolas Gerais !  
.....  
..... Trema o bairro  
Cá desde as Portas do Sol  
Té ás tercenas navais...  
.....

João de Sá trouxe a primeiro plano imagens que traduzem, pelo seu significado e pela sua formosura, intuitos artisticos e arqueológicos que denunciam a requintada visão cinegráfica e a superior orientação cultural que o guiaram no seu documentário.

A cruz de Santo Estevão, abrindo os braços num céu de grossas nuvens, que se acastelam, negras e alvacentas, e a que o luar forma como que divino halo, é dum vigoroso e raro poder de sugestão. Os retábulos de azulejo atestam, com a fé doutroira, a existência duma arte que, revivida nos últimos tempos, difficilmente atingirá a ingenuidade e a graça primitivas.

E os letreiros das ruas, êsses letreiros que Antonio Nobre cantou e que Afonso Lopes Vieira chama «saborosos»? Lá nos aparecem, ampliados, em suas esquinas, como lá surge cada volta, cada gradeamento, cada escadaria empedrada, cada chafariz, cada arco, cada ventana, cada telhado mourisco, outros tantos motivos de aguarela, que encantaram o realizador como nos encantam a nós. E, depois de havermos visto ao longe São Vicente e de termos passado diante da Casa dos Bicos, estamos à beira do rio, que descontinhamos de tanto ponto do alto,

... O largo estelro  
Do Tejo que é sem rival  
Nos portos do mundo Intelro !

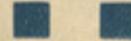
Se João de Sá nos devassou Alfama, surpreendendo-nos e deliciando-nos a cada passo e provando-nos as suas possibilidades de cinegrafista, altamente prometedoras, Artur Costa de Macedo foi um operador cuja técnica moderna e segura o coloca na primeira-minguadíssima fila dos nossos cameramen.

Para os directores da «Ulyseea Film», produtora de Alfama, vão as nossas mais sinceras saudações e os ardentes votos por que prossigam com a mesma coragem e a mesma intelligência.

AVELINO DE AIMEIDA

Aos nossos presados assinantes, compradores e amigos, que nos enviaram saudações e votos de feliz ano novo, endereçamos sinceros agradecimentos, com o mais vivo desejo de que 1930 lhes corra propício. \* \* \* \* \*

## SUZY PIERSON GOSTA DO CAMPO



Gosto do campo, ou antes tenho uma grande paixão pelo campo, e pergunto a mim própria qual a razão por que nasci na cidade, tendo passado a minha existência até hoje entre as quatro paredes de um estúdio.

Esta confissão obriga-me a dar explicações que vão talvez susceptibilizar os meus camaradas, — os intérpretes, e o que é mais grave ainda, os *régisseurs*. Poderão objectar-me :

— Se gosta do campo a êsse ponto, quem a impede de lá viver ?

Na verdade, êste argumento não deixa de ter justificação, e, ainda que a minha resposta pareça falha de lógica, apenas responderei que tenho paixão pela vida campestre, mas nem por isso detesto a cidade, e ainda menos o cinema. Sinto-me feliz num estúdio, principalmente quando me é dado interpretar um papel que é da, minha feição. Acabado o filme, assalta-me subitamente o desejo imperioso de voltar para o campo. Parto, e não me sinto satisfeita senão quando me encontro sózinha no meio de uma paisagem longinqua e silenciosa, sujeitando-me a todas as agruras da vida campestre.

Se, por acaso, me demoro muitos dias em qualquer lugar, não me lamentarei por me faltarem todos os confortos que poderia encontrar num palácio. Quero ter a ilusão de que sou uma camponesa, ainda que infinitamente ouça uma voz que me brade :

— Tu representas mal êsse papel ; tu és da cidade !...

— Descuro a minha *toilette*, deito-me a correr pelos prados, detenho-me a contemplar as flôres e os animais, e esqueço Paris...

Se assim sou uma fervorosa apaixonada pela vida do campo, é porque reconheço que nos é dado ali viver melhor do que ficar confinados em qualquer lugar. Senão, vejamos: acaso conhecem o prazer extraordinário de dormir numa tenda ao ar livre, ou na cabana de um pastor? — Uma pouca de palha substitui um leito macio. Abrigados por dois cobertores, não se sente frio, e quando a aurora se anuncia no horizonte já estamos preparados para admirar o nascer do sol.

E os trabalhos do campo? Esses exerceram sempre no meu espirito uma atracção irresistível, talvez porque entre os meus antepassados houve cavadores, rachadores de lenha, acostumados aos trabalhos mais rudes da vida dos campos.

Creio ter dito o bastante ; não se riam de mim.

Acaso pensam que o meu amor pela vida do campo se limita apenas ao tempo das férias? Atrevo-me a contradizer todos que assim pensem e direi que em qualquer estação do ano me faço camponesa, tendo acontecido que, ainda no inverno passado, em que fez tanto frio, me foi dado experimentar a alegria imensa de percorrer os caminhos cheios de gelo, aventurando-me até a atravessar charnecas cobertas de neve, cujos limites ficavam a perder de vista.

Sendo artista de Cinema, considero o caso sob um aspecto particular, que se resume no seguinte: Se tenho de representar o papel de heroína num filme rústico, devo incarnar-me no espirito e na figura de uma dessas simpáticas aldeãs da França, que vivem ao ar livre, e são capazes de todas as dedicações e sacrificios, como as suas irmãs das grandes cidades.

SUZY PIERSON